

Da vontade de te escrever

Tiago Bartolomeu Costa

>
Philatélie,
 de Miguel Rocha,
 enc. Jorge Andrade,
 Mala Voadora, 2005
 (Jorge Andrade,
 Sérgio Delgado,
 e Miguel Rocha),
 fot. Mala Voadora.



Título: Philatélie. Autor: Miguel Rocha. Concepção dramaturgica e cénica: Jorge Andrade. Desenho de som: Sérgio Delgado. Interpretação: John Romão, Jorge Andrade e Sérgio Delgado. Produção: Mala Voadora e Fundação Calouste Gulbenkian. Local e data de estreia: Espaço Negócio, Galeria Zé dos Bois, Lisboa, 7 de Dezembro de 2005.

Antes de *Philatélie* houve *Os justos*, a partir de Albert Camus (encenação de Jorge Andrade, 2004, e Menção Especial do Prémio Maria Madalena Azeredo Perdigão 2005, do extinto serviço ACARTE) e antes ainda *Zoo Story*, de Edward Albee (encenação de João Mota, 2004), *Nicarágua Prologue*, a partir de Bernard Marie-Koltès (encenação de Miguel Loureiro, 2004) e *Trilogia Strindberg* (encenação de Rogério de Carvalho e Jorge Andrade, 2003). Depois de *Philatélie* houve *Projecto de execução* (encenação de Jorge Andrade, 2006), a cumprir um calendário de apresentação concentrada da Mala Voadora no espaço Negócio, da Galeria Zé dos Bois, entre Novembro de 2005 e Janeiro de 2006, e que incluiu a reposição de *Os justos* e de *Philatélie*, agora em versão revista. Em comum todos estes espectáculos têm um trabalho de dramaturgia que reflecte sobre o lugar do texto em relação expressa com o actor e deste em confronto com a personagem.

Philatélie, concebido no âmbito do curso de encenação de teatro do Programa Criatividade e Criação Artística, da

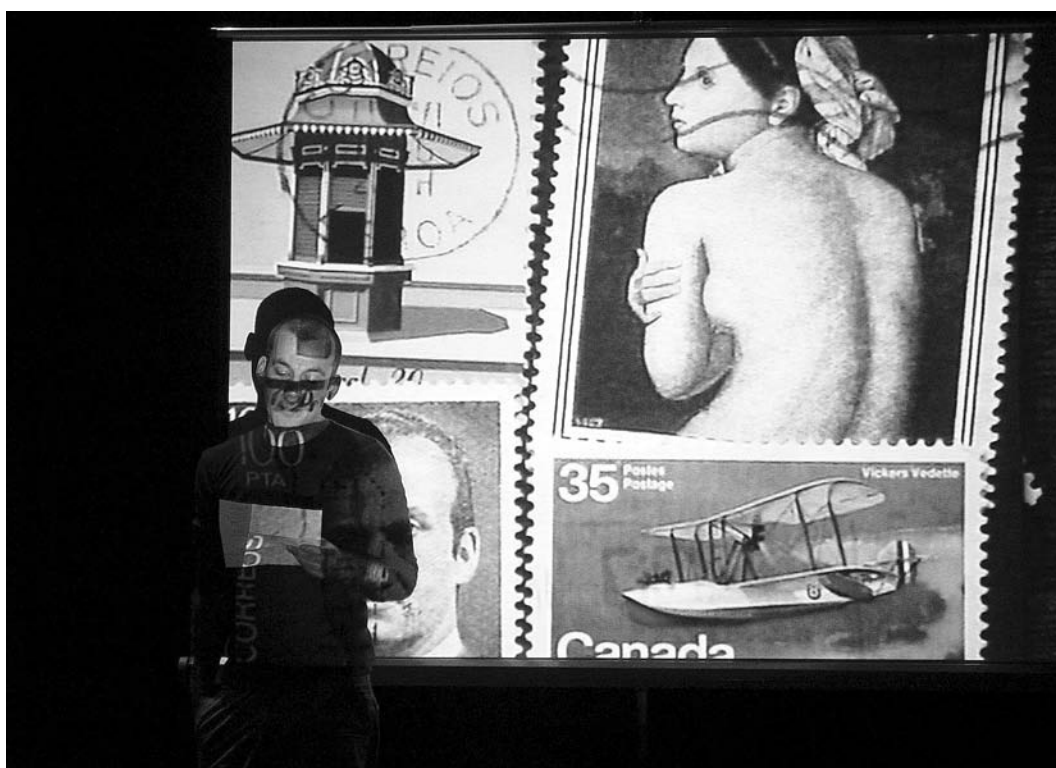
Fundação Calouste Gulbenkian (onde foi apresentada uma primeira versão a 23 de Agosto de 2005¹), trabalha essa lógica da fórmula teatral e o lugar do criador perante os objectos. O espectáculo assenta na relação que o texto desenvolve com a execução cénica, seguindo uma linha clara de reinvenção dramaturgica.

Em *Philatélie*, esse elemento é fragmentado e repensado nas suas diversas dimensões: escrito, projectado, oral e corporal. Ou seja, serve a ideia, não é a ideia. Como o próprio nome indica, aqui tratamos de selos. A proposta existe no domínio da projecção, sendo os selos o veiculo para a construção de uma dramaturgia frágil (no sentido infantil e desprotegido do termo), porque imaginada e subjectiva. Trata-se de um exercício, em muitos aspectos retórico, no qual Jorge Andrade desenvolve um discurso acerca do poder da imagem e do referente, partindo do modo como isso contribui para a definição de um espaço teatral.

Esse espaço, em *Philatélie*, não existe na disposição cénica (uma mesa ao canto, três intervenientes/manipuladores

¹Ver

[http://www.programa.criatividade.gulbenkian.pt/arquivo_teatro_producoes.asp?area=arquivo.](http://www.programa.criatividade.gulbenkian.pt/arquivo_teatro_producoes.asp?area=arquivo)



<

Philotélie,

de Miguel Rocha,
enc. Jorge Andrade,
Mala Voadora, 2005
(Jorge Andrade),
fot. Mala Voadora.

de texto, imagem e som e um ecrã de projecção), mas nos pequenos quadrados de imagem que são os selos. A intenção de "dar vida" aos selos, descontextualizando-os da sua função meramente prática, resgata do sentido prático da sua existência a dimensão de objecto artístico. Nesse sentido, aquelas pequenas obras meramente funcionais, pecuniárias e decorativas adquirem a sua individualidade e deixam de estar ao serviço de qualquer função, tornando-se na função em si mesma. É-lhes devolvido o lado fixador de memórias e de registo de momentos. Transforma-se na verdadeira encenação da realidade.

Diz Walter Benjamin, em *Rua de sentido único*: "Os selos estão cheios de pequenos números, letras minúsculas, folhinhos e olhinhos. São tecidos celulares gráficos. Tudo aí pulula em confusão, e, como os animais inferiores, continua a viver mesmo desmembrado. É por isso que se fazem imagens tão impressionantes com pedacinhos de selos colados. Mas neles a vida tem sempre a marca da decomposição, mostrando que é composta de matéria já morta. Os seus retratos e grupos obscenos estão cheios de ossadas e pululam de vermes" (Benjamin 2004: 57)². Também aqui a narrativa está cheia desses nojos

decompósitos de que fala Benjamin. A complexa teia de histórias, sobre a qual o actor Jorge Andrade discorre, confunde memórias pessoais (há aqui uma vontade de tornar real tudo o que se narra – é esta uma das mais valias das novas gerações: o despudor de se usarem como material dramático) com leituras de textos e imaginação das ficções dos selos, num exercício dramático muito rico, quase ao nível da improvisação. Não é despiendo pensar-se na tradição dos contadores de histórias (e o actor trabalhou já também com esse dispositivo no seu percurso teatral), porque de facto há uma história que está a ser contada. E Jorge Andrade fá-lo com o desassombro de quem nada espera, de quem entretém, de quem quer partilhar. Em resumo, a história de alguém fixado nas histórias dos selos. No limite: um *voyeur* que de tanto fixar vê o que já lá não está, ou vê o que quer (como os exames Rochard, em que cada um vê numa imagem abstracta os seus "pesadelos").

Jean-Philippe Domecq, no seu ensaio *Artistes sans arts*, refere-se a esta ideia como parte de um "processo semiótico de desconstrução que deve bastante ao universo criativo da *pop art*" (e pergunto, provocando, se o teatro contemporâneo não for *pop*, sobreviverá?): "a retórica da

² O texto, numa outra tradução, foi citado por Paulo Trindade na crítica a este espectáculo, "A manipulação dos ícones", *Público*, 10 de Dezembro 2005, p. 53.

desconstrução pela desconstrução permitiu contornar a questão da qualidade do objecto, que pode continuar a ser tratado como 'obra'" (Domeco 2005: 222).

>

Philatélie,
de Miguel Rocha,
enc. Jorge Andrade,
Mala Voadora, 2005,
fot. Mala Voadora.

A narrativa, que Jorge Andrade imprime, permite-nos a construção de um jogo de "teatro-no-teatro", fazendo com que o espectador opte pela imagem projectada ou pela imagem cénica (que, por sua vez, se divide entre o que se diz, ouve e a disposição corporal). Há várias histórias em *Philatélie*, sendo a mais fascinante aquela que souber dar aos pedaços de papel coloridos a mais "lógica" das narrativas. Trata-se de uma proposta para ouvir e imaginar. Os selos podem ser só imagens. Mas carregam cartas. E essas justificam qualquer selo.

>

Philatélie,
de Miguel Rocha,
enc. Jorge Andrade,
Mala Voadora, 2005
(Miguel Rocha),
fot. Mala Voadora.

Aqui há lugar para a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (numa deliciosa viagem através de selos olímpicos ou de guerra a fazerem as vezes dos confrontos culturais entre orientais e deslumbrados portugueses), para as aparições em Fátima (através de uma viagem pela representação da "Virgem" através da história dos selos portugueses do século XX, da Imaculada à ceifeira alentejana que a Revolução de 1974 quis retratar) ou a princesa Diana (ícone no ícone no ícone... eu não disse que isto era *pop*?).

Este dispositivo, em muitos aspectos (para não dizer todos) formal e simples, dialoga com a noção (e alguma necessidade) que temos de cenário nos espectáculos, logo da importância da iconografia. Aqui o cenário existe a dois níveis: na disposição cénica e nos próprios selos projectados. Existem ainda dois outros elementos que ajudam a esta ficção: um sonoplasta (Sérgio Delgado) que conta uma outra história através dos sons e um outro *performer* (John Romão), figura muda, que dispõe os selos e os objectos (tina de água, pinça, lente de aumentar, etc.) ao serviço do narrador. Se o primeiro dialoga com Jorge Andrade através de onomatopéias, o segundo permite que os selos tomem vida enquanto elementos cenográficos. É a versão minuciosa da maquinaria de cena. Estabelece-se entre os três (e os selos e o espectador) um jogo de crença suficientemente amplo para permitir comparar memórias e realidades. Ou seja, alarga-se o espectro da projecção, ao qual se relaciona a interacção com o público que, por acaso dos destinos (ou dos correios), passa a ser uma das personagens projectadas. Contingências narrativas *obligent*.

O espectáculo não deixa também de evocar o sentido original dos selos: a troca de correspondência. Das cartas de amor ridículas às notas de suicídio, do bilhete-postal às encomendas, os selos servem também para dar conta dessas histórias. E é por isso que neste espectáculo, mais do que representar, lê-se e muito. Lê-se tudo até ao



momento em que o som começa a interferir com as palavras e os selos com flores que se projectam no ecrã passam a representar tiros de armas. E a cada segundo que passa, na correria de querer abrir o envelope (de querer saber o fim da história), damos por nós a olhar mais para o selo e para as expectativas que ele cria. Estamos de tal maneira "embrulhados" no que vemos, ouvimos e vemos que nos esquecemos dessa função prática e meramente descartável.

Através de uma simplicidade desarmante (para não dizer amadora, no sentido de quem ama), *Philatélie* cria, em meia hora (sim, só tem meia hora) um dispositivo cénico capaz de dizer mais sobre as funções de um texto, cenário, figurinos e interpretação que qualquer metaforizada dramaturgia sobre o valor simbólico de um selo. Só isso deverá dar vontade de voltar a escrever cartas.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter (2004), "Rua de sentido único", in *Imagens de pensamento*, trad. João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 7-69.
DOMEQ, Jean-Philippe (2005), *Artistes sans arts*, Paris, Éditions 10/18.